

**POR UMA FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO – O PENSAMENTO
COMUNICACIONAL DE MICHEL SERRES**

Carlos Fernando Leite¹

Resumo:

Este trabalho pretende-se uma análise de algumas obras do filósofo Michel Serres, representante do pensamento francês contemporâneo, e uma das referências no pensamento comunicacional mundial. Dada sua inerência à existência humana, a comunicação faz-se sugestiva à análise, da perspectiva da Filosofia. Com a análise, espera-se ampliar a compreensão conceitual acerca da utilização da Filosofia da Comunicação – sua especificidade, possibilidade, necessidade e atributos específicos, em relação a outros recortes – pelos estudiosos brasileiros e o entendimento acerca da própria comunicação, material e conceitualmente; como também, entender a nova subjetividade, proporcionada pela(s) tecnologia(s) – a quem Serres chama *hominescente* – em suas relações, em todos os aspectos.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Conhecimento. Filosofia. Michel Serres.

Introdução

De qualquer perspectiva que se analise, a comunicação – material e conceitualmente – faz-se um campo de ampla discussão. Por sua consistência dialética e acuidade crítica, crê-se que a Filosofia possa contribuir positivamente à análise que aqui se pretende. A despeito de ser uma área relativamente nova do ponto de vista acadêmico, a comunicação tem tido alguns de seus aspectos analisados e discutidos por representantes das mais diversas correntes de pensamento. Um destes é o filósofo francês Michel Serres, principal autor que embasa este trabalho.

O caráter holístico e múltiplo de seu pensamento permite elaborar uma investigação acerca das diversas fases do processo evolutivo da comunicação, dos primórdios em que esta dependia predominantemente da oralidade, até ao momento atual, em que as tecnologias não apenas inauguram uma nova etapa na humanidade, em termos de progresso, como também alteram significativamente o modo de compreensão das relações humanas, em todos os aspectos.

¹ Mestrando do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, email bubba.johnnyreb@gmail.com.

O presente trabalho pretende-se uma análise da comunicação, da perspectiva da Filosofia, visando a ampliar a compreensão conceitual acerca da comunicação, e da relevância do uso da Filosofia da Comunicação; destarte, espera-se também revelar o homem que emerge do novo entendimento de mundo proporcionado pela tecnologia – a quem Serres denomina hominescente – em suas relações com seus semelhantes, com a natureza e as tecnologias, e por que não dizer, consigo mesmo; como este concebe o (aparentemente in) finito horizonte em que se insere.

Conceituações e consecuições

Analisar a comunicação implica defini-la, melhor conceituá-la; tarefa que é – se não inglória – inegavelmente árdua. Na *International Encyclopaedia of Communications*, Erik Barnouw e seus colaboradores, assim a definem: “Nós incluímos em comunicações todos os meios através dos quais a informação, as ideias e as atitudes chegam aos indivíduos, grupos, nações e gerações”. Sem querer contestar Barnouw e seus cooperadores, mas tal definição soa um pouco reducionista, pois parece incluir comunicação e mídia dentro de um mesmo entendimento.

A comunicação constitui-se um fator inerente à existência humana. O ser humano sempre há de se ver no mundo, em relação ao seu semelhante; isso implica alguma comunicação. Oralidade e escrita, conquanto possam não ser as formas mais antigas de comunicação, certamente, são as principais e mais difundidas.

Em épocas primitivas, a oralidade talvez não haja sido a primeira forma de comunicação do ser humano, no encontro com seu semelhante. Mesmo porque, não se pressupõe que já houvesse um idioma comum que permitisse a comunicação oral. É possível que se tenha usado uma comunicação gestual, através de acenos, ou até mesmo simbólica, por meio de desenhos e ou arranjos com pedras e outros objetos. Pensa-se até na possibilidade que o ser humano tenha visto o semelhante como um potencial inimigo, o que pode ter desencadeado uma reação de hostilidade. Poder-se-ia chamar a isso de comunicação?

Acerca da oralidade, faz-se sugestiva a concepção de Friedrich Engels (1820-1895), em seu texto *Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*, em que alude à necessidade que o ser humano sentiu, em certo momento de sua evolução, de unir-se a seus semelhantes, a fim de agregar suas forças, tanto físicas quanto ideológicas – o que corrobora a inseparabilidade entre os aspectos material e conceitual – e assim poderem, por meio do

trabalho, promover com mais eficiência as necessárias transformações em seu modo de vida, criando condições cada vez mais favoráveis de sobrevivência, em todos os aspectos, ao mesmo tempo em que ele, o ser humano, sofria também suas transformações evolutivas (biológicas, físicas, fisiológicas, posturais, ideológicas etc).

Desse processo de transformação da natureza pelo trabalho – que para muitos, define-se como cultura – devido à necessidade comunicacional, haveria surgido a linguagem, que não é senão o vetor da comunicação; seja na oralidade ou na escrita, que são as principais, mas não as únicas formas em que a linguagem manifesta-se. Isso permite inferir – em consonância com Martin-Barbero, em *Dos Meios às Mediações* – a inseparabilidade entre a cultura e a comunicação. Comunicação e Filosofia não se ligam, senão pela linguagem. Esta, como se sabe, desde a época dos pré-socráticos, os sofistas, há sido um dos principais objetos de estudo da Filosofia.

A escrita, surgida por volta do século X a. C. – creditada aos Sumérios – pode ser reputada como um divisor de águas à comunicação. Esta, que até então dependera predominantemente da oralidade – como sua principal forma de manifestação – acrescia-se agora, de um elemento que permitia o registro e preservação das informações, e sua posterior difusão; era uma ampliação significativa às possibilidades comunicacionais do ser humano. E mais, esta nova forma comunicacional demandava um suporte material à sua produção.

Harold Innis, em *O Viés da Comunicação* – referência no universo comunicacional – parte do surgimento da escrita e do subsequente desenvolvimento do necessário suporte material, e evidencia a relação deste processo com questões sociais de relevância. Analisando desde a cerâmica e a pedra, passando pelo papiro e o pergaminho, até chegar ao papel da era moderna, Innis estabelece conexões com os aspectos político-econômicos (produção e comércio de matéria prima, geração de empregos, a questão das concessões de imprensa etc) e sócio-culturais (transmissão de conhecimentos, tradições, religião, instrução formal; formação do ideário, tendências etc).

Oralidade e escrita, como formas autônomas e, ao mesmo tempo, mutuamente complementares de comunicação, têm seu processo evolutivo. Não surgido novas formas de linguagem, assim como novos equipamentos comunicacionais. O modo como se concebe a comunicação, na presente era em que a tecnologia faz-se capaz de encurtar o espaço e acelerar

o tempo, o que promove a otimização do movimento, é muito mais amplo do que em épocas passadas.

Entretanto, não se devem desprezar as consecuições passadas, em relação às atuais, como se estas fossem exclusivas da modernidade, e em nada se relacionassem com o que anteriormente se produziu. Diferentemente de como pensam alguns, a linha histórica não se compõe de momentos dissociados entre si, em que os elementos, tanto materiais quanto conceituais, surgem espontaneamente, como absolutamente novos, desvinculados, por assim dizer, de todo o contexto histórico-científico precedente.

Ao contrário, todo o arcabouço tecnológico até aqui auferido pelo ser humano, não é senão o corolário político-econômico e sociocultural auferido no transcurso histórico de sua evolução; em que pesem considerar as diferenças quantitativas e qualitativas entre as diferentes épocas.

Por exemplo, o século XX – sobretudo a segunda metade – é unanimemente reconhecido como o período em que o ser humano auferiu a maior parte de seus avanços tecnológicos; o que alude, antes de tudo, ao aspecto material. Por outro lado, o Iluminismo – séculos XVII e XVIII – é reputado como o período de maior efervescência civilizatória do ser humano, em relação ao pensamento; o que representa, sobretudo, o aspecto conceitual.

A questão não se restringe ao quantitativo. Os aspectos, tanto materiais quanto conceituais, manifestam-se dentro de uma coerente proporcionalidade. Em seu livro *A Natureza do Espaço*, Milton Santos assere:

As características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas. Desse modo, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albores da história até a época atual. Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica. (SANTOS, 1996, p. 111).

A assertiva de Santos permite inferir uma proporcionalidade, digamos histórico-contextual entre sociedade e ciência, material e conceitualmente. A descoberta do fogo e a invenção da

roda; o automóvel e a penicilina; o Ipad e as células-tronco foram – dentro da expectativa social em relação à ciência, à época de suas consecuições – em igual medida, revolucionários. A diferença é que, no passado, os avanços tecnológicos não ocorriam tão rapidamente quanto hoje. Paira uma sensação de saturação; parece que tudo já foi inventado ou descoberto. Aparentemente, o que há são apenas avanços de elementos já concebidos. Inventos ou descobertas revolucionários em sua originalidade, hoje parecem raros.

Para fazer jus a todas as consecuições que trouxeram o ser humano à presente realidade tecnológica, talvez se devesse reconhecer – analogamente a João de Salesbury – que não foi por acaso que se chegou a isso, mas sim por se haver apoiado sobre os ombros de gigantes do passado, como Galileu, Leibniz, Tesla, Newton, Einstein. Todos das chamadas ciências duras, mas também grandes pensadores. E quiçá seja precisamente isso que, em grande medida, justifique a relevância das teorias e descobertas havidas no passado. Por outras palavras, em épocas passadas, ao menos até o início do século XX, ciências humanas e ciências naturais ainda não haviam se distanciado tanto quanto hoje.

Nessa perspectiva, pode-se pensar com Michel Serres, no conceito de tempo dobrado – na metáfora dos pontos no lenço – em que os eventos (passados, presentes e futuros) interligam-se de modo acrônico, analogamente ao dualismo grego *chronos/kairós*, elementos de natureza quantitativa e qualitativa, respectivamente. O primeiro aludia ao tempo cronológico ou sequencial (mensurável), e o último, a um momento indeterminado no tempo, em que ocorre um evento: a experiência da oportunidade.

Esta pode aludir ao momento em que se concebe um pensamento, se formula uma teoria, se finaliza uma consecuição material; em que, inevitavelmente, hão de se fundir concepções – materiais e conceituais; passadas e presentes – oriundas de todos os saberes. No pensamento de Serres, comunicação e cultura – inegavelmente inseparáveis – fundem-se, constituindo um terceiro elemento; este não é senão o conhecimento, em seu sentido mais amplo. Ou seja, Serres propõe um fazer comunicacional que vise à construção de conhecimento útil à vida, em todos os aspectos.

Vivências e sensações

Na obra *O Terceiro Instruído* (no Brasil, *Filosofia Mestiça*; diga-se de passagem, título que mais agradou ao autor), no capítulo II: Instruir, Michel Serres trabalha três conceitos:

Procedência, Concepção e Ancestralidade. Simbioticamente relacionados, tais conceitos parecem sintetizar-se pelo terceiro. Procedência, alude à origem. Todo ancestral é originário e originador; procede-se dos ancestrais, genética, racial, étnica e culturalmente; tal como se torna ancestral, em relação à posteridade. Ancestralidade é – de modo ainda mais óbvio – concepção; sendo aquela, tributária desta. Em relação a todos os conceitos – procedência, concepção e ancestralidade – o ancestral não é o agente, como em oposição ao paciente. Ele é tanto agente quanto paciente. Paciente em relação a seu ancestral, e agente, em relação à sua posteridade.

As vivências experimentadas pelos ancestrais – analogamente às camadas do manto de Arlequim, na mesma obra – contribuem ao processo de transmissão de herança cultural. Ou seja, a cultura legada pelos ancestrais – posto que historicamente construída – não é senão o corolário das vivências e interações, no transcurso evolutivo do ser humano. O arcabouço cultural do ser humano compõe-se da multiplicidade de vivências culturais – em todos os aspectos – ao longo de sua existência.

No entanto, o legado cultural, propriamente dito, é conceitual, e é como uma identidade; a cada ancestral a sua vivência. No livro *Investigações sobre o Entendimento Humano*, David Hume afirma que as ideias são cópias das sensações. Seja isso verdade ou não, no processo de legação cultural, transmitem-se apenas as cópias, isto é, as ideias, os conceitos. Vivências e sensações são intransmissíveis. Ainda que uma experiência vivenciada pelo ancestral coincida na vida do descendente, em condições materiais (quase) idênticas, a variabilidade de contexto sócio-histórico-cultural já será suficiente à diferenciação entre ambas as vivências. Analogamente a Hume, em relação ao ancestral, que é o agente transmissor de legado cultural, o descendente é, ao mesmo tempo, agente, paciente e espectador. Paciente, por receber o legado cultural; espectador, pois – sendo as vivências intransmissíveis – usufrui apenas conceitualmente as sensações do ancestral, tal como em uma estória contada, ou em um filme ou livro.

Por não experimentar as mesmas vivências culturais, a mesma intensidade de sensações, dispõe apenas do conceito. Assim como amanhã, quando se tornar ancestral – tal como em um círculo vicioso – far-se-á agente e, na mesma medida, não poderá transmitir, senão o aspecto conceitual de suas vivências e sensações. Resta pensar, que legado conceitual-cultural é-se capaz de e se deseja deixar à posteridade. Uma breve retrospectiva poderá corroborar se e

que medida, o ser humano há historicamente valorizado seu capital cultural – em alusão a Bourdieu – a cada nova geração.

O *State of the art* da(s) tecnologia(s)

De início, o termo tecnologia pode sugerir a realidade presente, a chamada era informacional. Já no século XIX, a ciência fora capaz de conceber algumas tecnologias, dentre as quais o telégrafo talvez seja o primeiro passo, no que concerne aos dispositivos tecnológicos de comunicação a longas distâncias. Embora tenha surgido no século XVIII, foi no século seguinte, com a versão elétrica, que este aparelho fortaleceu-se e popularizou-se, como instrumento comunicacional. O telefone, surgido na segunda metade do século XIX, significou uma enorme ampliação das possibilidades comunicacionais do ser humano, e talvez esteja entre os dispositivos comunicacionais que mais avançaram em relação a si mesmos, desde sua concepção.

Mas foi no século XX, especialmente em sua segunda metade, que o ser humano conseguiu auferir a maioria das tecnologias comunicacionais de que hoje faz uso; pouco mais de sessenta anos – já considerado o presente século – tomando-se como referência inicial, a invenção da televisão, com a posterior conquista do espaço e a criação do computador. Mas conceber tecnologia, ou tecnologias, apenas por via das consecuições modernas, pode soar como um (injustificado) reducionismo.

Em consonância com Milton Santos, a quem já se referiu aqui, entende-se por tecnologias – reconhecida a proporcionalidade havida a cada época entre ciência e sociedade – todas as formas de aperfeiçoamento das técnicas cotidianas de sobrevivência, em todos os aspectos, que foram desenvolvidas no transcurso evolutivo da humanidade. Por outras palavras, desde os mais primitivos recursos criados pelo ser humano, às mais sofisticadas tecnologias da época atual. Isso inclui todas as tecnologias, não somente as comunicacionais.

Nessa perspectiva – em face da anterioridade do conceito, em relação à materialidade, e da impossibilidade de determinação precisa do instante de surgimento deste, em relação àquela, em certa medida crê-se possível acreditar que o sinal de fumaça, os tambores e outros instrumentos de percussão, que alguns povos nativos usam para se comunicar, sejam evidências de que, à época, já havia o desejo de conceber meios de comunicação capazes de transpor as fronteiras geográficas, embora as condições materiais a tais consecuições – algo a que Marx faz menção em *O Capital* – ainda não existissem. Tais meios comunicacionais

primitivos não seriam, senão os ancestrais das modernas tecnologias. Isso se aplica não somente às tecnologias comunicacionais. Todos os equipamentos modernos têm seus análogos primitivos.

A biga seria o ancestral da carruagem, e esta do carro moderno. Ferramentas e instrumentos domésticos que antes eram de pedra, osso e madeira, há muito tempo já se fabricam em aço das mais diversas ligas. Em todas as instituições, arquivos que ocupavam espaços imensos, hoje se armazenam em *pen drives*, cartões de memória e *chips*, cada vez mais miniaturizados. E se, no passado, a difusão comunicacional implicava deslocamento espacial (fisicamente falando), o que, obviamente, exigia tempo, as tecnologias comunicacionais hodiernas, por seu turno, permitem encurtar o espaço e acelerar o tempo; o que culmina com a otimização do movimento. E assim por diante, em relação a todas as coisas.

À nova relação que se tem com o tempo e com a morte – a inevitável finitude – Serres chama de *hominescência*. Se a biotecnologia permite – como diz Serres – que se viva outra vida, se morra outra morte, indaga-se: há-se maquinizado o ser humano ou humanizado a máquina? Em última análise, o estado da arte em que se encontra(m) a(s) tecnologia(s), toda essa facilitação à vida prática, proporciona um novo entendimento do mundo e das relações entre os seres humanos, e destes com a natureza e com a(s) tecnologia(s). Consequentemente, o ser humano desse novo entendimento, por seu turno, também se pressupõe outro, a quem Michel Serres chama *hominescente*.

O terceiro instruído – o Hominescente

A invenção da escrita, creditada aos Sumérios, por volta do século X a. C., e o surgimento das tecnologias comunicacionais modernas – a partir da segunda metade do século XX – como divisores de águas da comunicação, representam o que se poderia chamar, respectivamente, de estágio primitivo e avançado da comunicação. Esta tem historicamente evoluído, de modo ininterrupto, tanto material quanto conceitualmente, em que pesem as diferenças qualitativas e quantitativas, entre os períodos históricos.

Por ser o agente do processo, o ser humano contamina-se pela evolução material/conceitual da comunicação, isto é, concomitantemente aos avanços das tecnologias comunicacionais – e, por extensão, de todas as demais tecnologias – também se contamina o indivíduo, o ator social, em suas relações com a natureza, com seu semelhante, com as tecnologias, e até consigo mesmo. Nesse processo evolutivo material/conceitual, as tecnologias, tanto geram

demandas que obrigam o ser humano a se reinventar constante e rapidamente (heraclitianamente), quanto proporcionam – até como consequência, uma coisa da outra – uma nova concepção acerca do mundo, em todos os aspectos. Se há uma nova concepção de mundo, o sujeito desse novo entendimento faz-se também outro, a quem Serres chama *hominescente*.

Este Terceiro Instruído – a nova subjetividade que nasce dessa nova concepção de mundo, proporcionada pelas tecnologias – não é senão o corolário antropológico da evolução que, em Serres, vai da era primitiva em que as ferramentas eram meras extensões do corpo, passando pela domesticação da natureza – a cultura – e chegando à época presente, em que o ser humano chega a alienar algumas de suas faculdades à máquina; em que a ciência e a tecnologia fazem-se capazes de alterar seu corpo, dar forma ao seu mundo, arbitrar acerca de sua emergência, de sua morte.

Por outras palavras, nessa perspectiva, o *hominescente* não seria senão o produto da referida maquinização do ser humano e da humanização da máquina. Pode ser um momento oportuno a um repensar – do qual depende, em grande medida, a redefinição e reconstrução da humanidade – em relação a princípios, tanto bioéticos quanto existenciais.

Considerações finais

Material e conceitual, assim como comunicação e cultura, afiguram-se dualismos inseparáveis, que permeiam o presente trabalho, em que se buscou analisar a comunicação, da perspectiva da Filosofia. Esta se liga àquela, de modo igualmente inseparável, pela linguagem – objeto de estudo da Filosofia, desde as épocas mais remotas – que não é, senão o vetor comunicacional. Ubíquas e unívocas, e inerentes à existência humana, comunicação, cultura e filosofia compõem o trinômio que, em Serres, pode sintetizar-se no conhecimento, no sentido mais amplo do termo.

A comunicação, vetor relacional, por excelência, cujo vetor é a linguagem – principalmente oralidade e escrita, suas principais formas de manifestação – a cultura, que pode sintetizar-se no dualismo formal/informal; e a filosofia, tributária da racionalidade distintiva do ser humano. Este, como agente do processo – o ator comunicacional-cultural-filosófico – há necessariamente se contaminado por todas as mudanças, materiais e conceituais, havidas no processo histórico-evolutivo da humanidade.

Ao sujeito da nova compreensão de mundo, proporcionada pelas tecnologias, Michel Serres chama *hominescente* – o *Terceiro Instruído* – que analogamente a Hume, faz-se tanto agente quanto paciente e expectador (aqui, com “x”). Agente, por compartilhar seus valores; paciente, pela incorporação de valores de outrem; o justo meio – aristotelicamente falando – seria o expectador.

Um indivíduo – análogo ao *Dasein* heideggeriano – em constante expectativa pelo devir, constantemente se reinventando, em relação à natureza, ao seu semelhante, à tecnologia, à ciência, e até em relação a si mesmo; alguém em constante miscigenação cultural – um mestiço heraclitiano – que tenta conceber o (aparentemente in) finito horizonte em que está inserido.

Referências

- BARNOUW, E. International Encyclopedia of Communications. Oxford University Press, 1989. (editor)
- ENGELS, F. O papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem/OAKLEY, K. B. O Homem como Ser que Fabrica Utensílios. 2ª Ed. São Paulo: Global Editora, 1984.
- MARTIN-BARBERO, J. Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARX, K. O Capital: Crítica da Economia Política. Livro Um: O processo de produção do capital. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- INNIS, H. O viés da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SANTOS, M. A natureza do Espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERRES, M. Hermes: uma filosofia das ciências. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. Luzes. São Paulo: Unimarco, 1999.
- _____. O terceiro Instruído. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- _____. Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados – I. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 200.
- _____. A lenda dos Anjos. São Paulo: Aleph, 1985.
- _____. O contrato Natural. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- _____. Atlas. Barcelona/ES: Teorema, 1994.
- _____. O Incandescente. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. Notícias Do Mundo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. Hominescências – O Começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. Ramos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- _____. A guerra Mundial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- _____. A Grande Narrativa do Humanismo: um Conto Iniciático. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.